
O ÚLTIMO CANTO DE CASSANDRA: “LA DÉFAITE DE L’OCCIDENT”, DE EMMANUEL TODD

THE LAST CHANT OF CASSANDRA: “LA DÉFAITE DE L’OCCIDENT”, BY EMMANUEL TODD

DOI: 10.5380/cg.v13i2.95700

Augusto Neftali Corte de Oliveira¹

O polêmico intelectual francês Emmanuel Todd publicou, pela editora Gallimard, em janeiro de 2024, *La Défaite de L’Occident* – ou “A Derrota do Ocidente”, em tradução livre. O impacto da obra sobre o debate público na França foi importante, o que atesta a participação de Todd em entrevistas e debates nos principais meios de comunicação francófonos.

No que concerne ao argumento do livro, podemos encontrar duas proposições que justificam o interesse público. A primeira é a de que os Estados Unidos e aliados europeus possuem responsabilidade sobre a guerra na Ucrânia, devido à expansão da OTAN em direção à fronteira russa. Ignorando três décadas de discussões acadêmicas sobre o tema da expansão da OTAN e da segurança regional europeia, um ensaio no jornal *Le Monde* taxa a posição de Todd como “propaganda russa” (GEORNESCO, 2024). Assim, um interesse da proposição de Todd decorre do desafio que a obra representa à interdição de uma pauta inconveniente no debate público europeu.

Após prever com sucesso a queda da União Soviética e o declínio do mundo unipolar, uma fama de profeta foi atribuída a Todd. Logo, a segunda proposição que justifica o interesse no livro é a que lhe empresta o título: a inevitável derrota do Ocidente. A proposição não poderia deixar de causar sensação no debate público europeu, de forma que podemos ler nas páginas do jornal *Le Figaro*: “Il faut espérer que, cette fois, le «prophète» Todd se trompe” (DEVECCCHIO, 2024).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), augusto.oliveira@pucrs.br e ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5615-8187>.

No meio acadêmico o impacto da obra de Todd é mais restrito. A presente resenha pretende valorizar o livro *La Défaite de L’Occident* como o produto de um intelectual iconoclasta, cuja virtude central pode ser a de iluminar aspectos pouco visíveis sob a estrutura acadêmica. Neste sentido, a resenha desconsidera alguns argumentos retóricos e o “humor noir” que perpassa a obra. O principal objetivo teórico de Todd (2024, p. 24, 240) é complementar o realismo ofensivo de Mearsheimer com uma explicação da estrutura política interna do Ocidente que ajude a compreender sua política externa, seu papel na guerra da Ucrânia e, enfim, seu declínio.

Os capítulos do livro dedicam-se à análise de países ou regiões relevantes. Antes de analisar o Ocidente (Reino Unido, França/Alemanha, Escandinávia e Estados Unidos), Todd se debruça sobre os países do antigo bloco comunista. Aborda, especialmente, a situação da Rússia, da Ucrânia e dos países da Europa oriental integrados na União Europeia (respectivamente, nos três primeiros capítulos).

Sobre a Rússia, Todd (2024, p. 37) argumenta que o governo de Putin forneceu ao país um nível de estabilidade social e econômica inédito mesmo no período comunista. Esta estabilidade justifica, para Todd, a popularidade de Putin. Todd coleciona alguns dados de natalidade e mortalidade que indicam a boa situação russa, tanto em relação ao passado, quanto em comparação a outros países europeus. Além disso, destaca que a economia russa apresenta capacidade adaptativa importante, dada a construção de alternativas comerciais e financeiras em face das sanções ocidentais. Do ponto de vista produtivo, a capacidade adaptativa da economia russa é percebida no investimento na educação superior e, principalmente, na formação de engenheiros. Todd (2024, p. 50) destaca que a Rússia forma relativa e nominalmente mais engenheiros do que os Estados Unidos. Os argumentos de Todd a respeito da Rússia são triviais, o próprio autor aponta que apenas surpreendem dado o desconhecimento sobre a situação Russa atual pelo público europeu.

Em comparação à Rússia, Todd (2024, p. 70) afirma que a Ucrânia pós-soviética é um país em decomposição. A análise de Todd sobre a Ucrânia merece maior atenção, na medida em que ajuda a compreender a situação econômica e política do país na antessala da guerra. Todd (2024, p. 100) parte do bem conhecido antagonismo entre a Ucrânia ocidental e a oriental. Enquanto a ocidental é ucranofônica, católica, agrária e com baixa

densidade populacional, a oriental é russofônica, ortodoxa, industrial e com um número de centros urbanos relevantes. A sobreposição entre dados eleitorais de 1917 e 2010 fortalecem a hipótese de uma diferenciação histórica persistente, dado que as regiões ocidentais votaram em partidos nacionalistas/ucranianos e as regiões orientais em partidos “russos” ou pró-Rússia nas duas ocasiões (TODD, 2024, p. 78, 89).

Neste ponto, Todd apresenta um argumento que casa a análise demográfica e geopolítica. Argumenta que durante a dissolução da União Soviética a Rússia aceitou que a Ucrânia permanecesse com regiões russas em termos históricos e populacionais. A presença desta população russa no território ucraniano, bem como de um importante setor industrial produtivamente interligado à economia russa, forneceriam uma ancoragem entre a Ucrânia e a Rússia após a dissolução da União Soviética. Efetivamente, a estratégia funcionou ao longo dos 25 anos posteriores à independência ucraniana (nos quais os eleitores orientais favoreceram partidos políticos sensíveis às conexões da região com a Rússia).

Questões demográficas, contudo, prejudicaram esta ancoragem. O autor aponta que a Ucrânia perdeu 20% de sua população entre 1991 e 2021 (TODD, 2024, p. 71), devido à baixa fecundidade e à migração. Mais pontualmente, indica que essa perda de população afetou desproporcionalmente os centros urbanos da Ucrânia oriental, não apenas a principal zona industrial, mas, também, o cerne da população russofônica. Adicionalmente, intui a migração de estudantes universitários russofônicos de Kharkiv (Ucrânia) para Belgorod (Rússia) (TODD, 2024, p. 91) e propõe que o processo migratório afetou mais a classe média do segmento russo da população ucraniana.

O argumento geral vai no sentido de que a crise demográfica ucraniana se concentrou sobre sua parcela oriental, russofônica. O sucesso econômico da Rússia favoreceu a imigração de ucranianos russofônicos e isso desestabilizou a relação de forças entre as facções ocidentais e orientais da Ucrânia. Todd (2024, p. 102) ajunta uma análise do perfil de elites ucranianas políticas, militares e econômicas. Atesta que a Ucrânia oriental participava das elites especialmente na área econômica, com os “oligarcas”. Iniciado o conflito, os incentivos econômicos e militares americanos e europeus, somados às sanções contra a Rússia, decapitou a região russofônica de sua elite. As lideranças políticas e militares, concentradas na conexão Lviv-Kiev (ocidental-central) teriam passado a alienar o

setor oriental, o que ficaria patente na forte abstenção eleitoral no leste ucraniano em 2014. As conexões entre a Ucrânia e a Rússia foram corroídas, portanto, pelo enfraquecimento dos setores ucranianos pró-russos devido à emigração da classe média russofônica e a perda de poder relativo dos oligarcas da Ucrânia oriental.

Para Todd (2024, p. 108), o enfraquecimento e desorganização da parte russofônica da Ucrânia possuiu como corolário ideológico a disseminação de uma ideologia russofóbica. Para a Ucrânia ocidental/central, a russofobia é uma prova de adesão ao Ocidente. Para a Ucrânia oriental, russofônica, a russofobia é uma resposta da classe baixa ao abandono da classe média imigrante. Em uma visão psicologizante, Todd (2024) propõe que a incapacidade ucraniana de aceitar a secessão das regiões incorporadas pela Rússia deve-se ao desejo latente de manter uma relação com a Rússia, algo necessário à formação da identidade nacional da Ucrânia. O mesmo problema russofóbico é encontrado nos países da Europa oriental que aderiram à União Europeia, especialmente na Polônia que – ao contrário da Hungria, da República Tcheca ou da Alemanha Oriental – não foi capaz de desafiar o poder soviético.

Os próximos cinco capítulos do livro tratam do ocidente e sua crise. Todd imagina que a União Europeia perdeu seu potencial de autonomia em relação aos Estados Unidos nos anos recentes. Três argumentos embasam a proposição. O primeiro diz respeito ao controle da riqueza. Uma vez que 60% dos recursos financeiros dos ricos europeus encontra-se em paraísos fiscais sob autoridade dos Estados Unidos (TODD, 2024, p. 185), os interesses econômicos da classe superior europeia estariam desengajados da União Europeia.

Do ponto de vista da gestão da informação e da internet, os Estados Unidos teriam a capacidade de vigiar a população europeia, inclusive as elites políticas e econômicas (TODD, 2024, p. 188). O mais importante argumento contra a autonomia europeia, contudo, seria o entrelaçamento produtivo com os Estados Unidos. As sanções econômicas à Rússia e a destruição do gasoduto Nord Stream (TODD, 2024, p. 164) teriam o efeito de assegurar a dependência europeia em relação aos Estados Unidos: “é o controle da Europa e da Ásia extremo-oriental que se torna vital, pois no seu atual estado de fraqueza os Estados Unidos necessitam de suas capacidades industriais” (TODD, 2024, p. 191-192; tradução própria).

Em linha aos interesses americanos, a guerra na Ucrânia forçou um rompimento entre a Alemanha, motor econômico e industrial da União Europeia, e a Rússia.

Os dois próximos capítulos analisam o Reino Unido e a Escandinávia. O argumento vai no sentido de que Alemanha e França viram-se compelidas a entrar no esforço de guerra, mas esses outros países escolheram. No caso do Reino Unido, a escolha confunde-se com o fracasso de restaurar a nação britânica após o Brexit. Todd (2024, p. 227) visualiza um Reino Unido socialmente cindido, no qual as elites econômicas e intelectuais derrotadas no Brexit vingam-se das massas de trabalhadores empobrecidos que apoiaram a secessão da União Europeia. A ruptura da sociedade britânica teria um elemento estrutural anterior ao Brexit, resultado do desmanche das capacidades estatais provocadas pelo neoliberalismo durante as administrações de Thatcher e Blair.

Há pouco espaço no livro para os pequenos países escandinavos. Noruega e Dinamarca são tomados como peões americanos (TODD, 2024, p. 235). Finlândia e Suécia, contudo, despertam interesse pela decisão de deixar a neutralidade e aderir à OTAN. Todd considera que a decisão vai ao encontro da necessidade de suas elites de criar laços de pertencimento com o ocidente. Fomentar um medo não justificado da Rússia foi apenas conveniente, segundo o autor.

Os capítulos 8, 9 e 10 são dedicados à decadência dos Estados Unidos. O argumento econômico é de que nos anos de neoliberalismo e globalização os Estados Unidos infringiram um dano fatal ao próprio setor produtivo. No plano externo, isso manifesta-se pela baixa capacidade industrial causada por espécie de “doença holandesa”, em que a demanda externa pelo dólar desincentiva a produção interna e resolve o problema do déficit da balança comercial. No plano doméstico, o já ressaltado baixo investimento na formação de engenheiros justifica-se, pois as atividades ligadas às finanças – advogados, economistas, administradores – estão mais próximas da fonte da opulência americana (a produção de dólares) (TODD, 2024, p. 285). O autor argumenta que se reduzidos do produto interno o superfaturamento destas seções “inúteis” e do setor da saúde, o valor *per capita* americano seria próximo ao francês.

No plano social, a decadência americana evidencia-se no declínio da cultura WASP (branca, anglo-saxônica e protestante) e da meritocracia, sobreposta à ascensão das desigualdades socioeconômicas. O argumento mais contundente é o de que a cultura

WASP era essencialmente racista e fundava a igualdade entre os reconhecidos como brancos em oposição à população afro-americana (TODD, 2024, p. 262). A derrota do racismo, finalmente realizada na eleição de Barak Obama, eliminou no plano social o fundamento da cultura WASP, já esvaziada pela perda dos valores religiosos. Segue-se a perda de controle democrático e oligarquização da política nos Estados Unidos, que se torna incapaz de responder a desafios como a crise de opioides, de obesidade, de atentados armados ou à desigualdade social crescente.

Por fim, há uma análise dos tomadores de decisão na política externa americana. Em parte, é tributária de Walt (2018), para quem os tomadores de decisão fariam parte de uma pequena comunidade pouco profissional e disposta ao ativismo internacional por interesse de autopromoção. Todd (2024, p. 301) ajunta a análise de membros do governo Biden. Argumenta que a ascendência familiar de certos personagens justificaria um “sentimento de vingança” em relação ao tratamento historicamente dado pela Ucrânia à população judaica em seu território. O quadro geral dos Estados Unidos, para Todd, é o de vítima das próprias vitórias: a hegemonia do dólar ao custo da indústria doméstica; a inclusão de afro-americanos e minorias étnicas ao custo da capacidade de agência política; o domínio geopolítico ao custo de uma estratégia internacional coerente.

No último capítulo da obra, Todd interroga o motivo pelo qual o “resto do mundo” não aderiu às sanções do Ocidente à Rússia. O tema é de importância capital, pois, segundo o autor, o fato de apenas os aliados mais centrais dos Estados Unidos terem aderido (Europa, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Japão, Coreia do Sul, Colômbia, Costa Rica, Equador e Paraguai) demonstra não apenas um “narcisismo” cego do Ocidente à realidade internacional, como uma verdadeira tomada de posição do “resto do mundo” em favor da Rússia (TODD, 2024, p. 305)

São três os motivos pelos quais o “resto do mundo” ficou com a Rússia contra o Ocidente. De forma convencional, Todd destaca que, para o embargo funcionar, países como a China e a Índia deveriam aderir. Isso não seria esperado, considerando os laços econômicos e políticos entre esses países e a Rússia, oportunidade energética em primeiro plano. As contribuições mais ousadas são as do segundo e terceiro argumentos.

O segundo argumento diz respeito à estrutura da economia mundial. Todd (2024, p. 311) destaca que o neoliberalismo e a globalização criaram uma divisão de trabalho

planetária, na qual o “resto do mundo” ocupa a posição de classe econômica produtiva, subalterna e explorada pelo Ocidente. Essa dimensão se sobreporia à política, explicando os limites da oposição Ocidente/democracias *versus* Rússia/autocracias. Países democráticos do lado “explorado” do mundo, como Brasil, Índia e África do Sul não enxergariam na Rússia um país opositor em termos geoeconômicos. Também operou no “resto do mundo” a intuição de suas classes ricas que, em função do uso de sanções econômicas como arma política, passaram a temer os Estados Unidos (TODD, 2024, p. 317).

O terceiro argumento é cultural e antropológico. Todd (2024, p. 325) indica a oposição entre a estrutura familiar bilateral (na qual a estrutura social familiar, comumente nuclear e individualista, depende da família do pai e da mãe) e a estrutura familiar patrilinear (na qual a estrutura social familiar, comumente comunitária, depende exclusivamente da linhagem paterna). No Ocidente, a estrutura familiar nuclear bilateral teria favorecido a emancipação feminina e sexual. No grande contingente que engloba da África saariana à Rússia, incluso o Magreb, o Oriente Médio, a Índia e a China, a estrutura familiar patrilinear condiciona valores mais conservadores e pouco individualistas, ainda que as famílias tenham se tornado nucleares.

Essa natureza estruturalmente diferente das sociedades Ocidentais e do “resto do mundo” imporiam um desacordo político e ideológico fundamental. Ao agitar uma agenda conservadora e, especialmente, anti-LGBTQIA+, a Rússia participaria de uma coalizão global contra a expansão dessa dimensão dos direitos humanos: “Ao *soft power* revolucionário do comunismo se sucedeu o *soft power* conservador da era Putin” (TODD, 2024, p. 330; tradução própria). Para Todd, contudo, não se trata apenas de uma ideologia política útil aos diferentes governos e regimes, mas de uma diferença estruturalmente e incompatível com a pretensão universalizante do liberalismo ocidental.

O “resto do mundo” escolheu a Rússia e não os Estados Unidos, portanto, pelo agregado da oportunidade e da estrutura nas dimensões econômicas e ideológicas na oposição entre os dois países. Embora elas se reforcem em muitos casos, em outros – o Brasil, por exemplo – atua apenas a dimensão econômica.

O capítulo conclusivo argumenta, obliquamente, que a decisão americana de expandir a OTAN em direção às fronteiras russas, incluindo a Ucrânia e a Geórgia, durante

a administração Bush filho, foi mensurada em reposta à rejeição articulada da França, Alemanha e Rússia à guerra do Iraque. O principal motivador do apoio americano à Ucrânia após 2015, segundo Todd (2024, p. 360), foi evitar que a União Europeia e a Alemanha, em particular, conquistassem autonomia política em relação aos Estados Unidos. Todd, contudo, imagina que a estratégia é fútil e que a Alemanha e a Rússia voltarão a colaborar política e economicamente, pois possuem infraestruturas produtivas complementares.

Em *La Défaite de L’Occident*, Emmanuel Todd não se furta ao emprego de argumentos polêmicos. Depois de apresentar aqueles que podem ser considerados os principais elementos explicativos da obra, é conveniente refletir sobre a confiança que o texto inspira – para além do interesse pelo ineditismo e pelo casuísmo. A obra pretende oferecer uma contribuição teórica original, que complemente o realismo ofensivo a partir de uma teoria que amarre os desenvolvimentos da política internacional com as interveniências de estruturas e processos nacionais, internos. Proposta extremamente ousada, que surge mais como uma justificativa do que como um objetivo a ser sistematicamente perseguido.

A análise dos padrões de organização familiar (candidato principal ao papel de fator explicativo endógeno), ao final, repousa justaposta aos demais argumentos colecionados para explicar as divergências entre o Ocidente e “o resto”. Em vários momentos, Todd propõe que a perda de valores tradicionais no Ocidente estaria conduzindo a uma situação de “sociedade zero”, correlata à atomização e ausência de sentido para ação coletiva. Contudo, o argumento é difícil de ser aceito. Embora as “guerras culturais” possam ter um efeito de desestabilização política interna, inegavelmente as pautas “progressistas” ou “liberais” demonstram capacidade de mobilizar ativamente grupos e cidadãos.

No plano internacional, algo semelhante se observa. Existe um conflito entre a noção liberal de um “sistema internacional baseado em regras” e a noção revolucionária do “pluralismo de legitimidades nacionais” em uma “nova ordem multipolar”. Pode ser que a necessidade de afirmar retoricamente a natureza liberal da ordem internacional não comprove senão seu enfraquecimento. Ainda assim, a presença de conflito ideológico na política internacional – bem como militar e econômico – não seria mais bem compreendida como resistência do Ocidente, e não sua derrota? Ao profetizar a queda da União Soviética, Emmanuel Todd foi sensível a evidências que ninguém mais foi capaz de reparar. Hoje,

quando a história se faz novamente cheia de som e fúria, as passagens de maior mérito em *La Défaite de L’Occident* são aquelas que confrontam o leitor com aquilo que está bem claro na nossa frente.

* Resenha recebida em 03 de junho de 2024,
aprovada em 05 de dezembro de 2024.

REFERÊNCIAS

DEVECCHIO, Alexandre. Emmanuel Todd: «Nous assistons à la chute finale de l’Occident». **Le Figaro**, 12 jan. 2024. Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/vox/monde/emmanuel-todd-nous-assistons-a-la-chute-finale-de-l-occident-20240112>

GEORNESCO, Florent. « La Défaite de l’Occident » : Emmanuel Todd, prophète aux yeux fermés. **Le Monde**, 19 jan. 2024. Disponível em: https://www.lemonde.fr/livres/article/2024/01/19/la-défaite-de-l-occident-emmanuel-todd-prophète-aux-yeux-fermés_6211727_3260.html

TODD, Emmanuel. **La Défaite de L’Occident**. Paris: Gallimard, 2024.

WALT, Stephen. **The Hell of Good Intentions. America’s Foreign Policy Elite and the Decline of U.S. Primacy**. Londres: Picador, 2018.